

Máscaras improváveis: procedimentos para criação de si em tempos pandêmicos

Gabriel Bodstein

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG¹

DOI: <https://doi.org/10.21680/2595-4024.2022v5n2ID30748>

Resumo: Relato de experiência elaborado no contexto do 3º Colóquio Internacional Mascaramento na Cena Expandida. Descreve o processo de desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada *Práticas de atuação com a máscara teatral: das personagens-tipo às máscaras improváveis*, em especial um recorte que abarca a investigação de procedimentos de mascaramento para criação de si no período do isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: Máscara teatral; Atuação; Confecção; Pedagogia.

Abstract: Experience report prepared in the context of the 3rd International Colloquium Mascaramento na Cena Expandida. It describes the process of development of the master's research entitled *Practices of acting with the theatrical mask: from type-characters to unlikely masks*, in particular a clipping that encompasses the investigation of masking procedures for self-creation in the period of social isolation imposed by the pandemic of COVID-19.

Keywords: Theatrical mask; Acting; Confection; Pedagogy.

¹ Mestrando em Artes da Cena pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, é bacharel em Jornalismo pela PUC-Campinas e tem formação de ator na Escola de Arte Dramática (EAD/ECA/USP).

Ponto de partida

Neste relato pretendo expor um pouco do caminho percorrido até o momento em minha pesquisa de mestrado na linha das Artes da Cena pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, iniciada em outubro de 2021, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Bya Braga. Portanto, esse texto refere-se a um trabalho em andamento. Procuo fazer dele um exercício de reflexão e, ao mesmo tempo, de aprimoramento do material que atualmente encontra-se em estudo.

Inicialmente faço uma descrição de minha prática artística com a máscara teatral, objeto da pesquisa, e de como essa trajetória profissional me encaminha à pesquisa acadêmica em artes. Na segunda parte, coloco em evidência uma das experiências cênicas (a mais recente, surgida em 2020), que diz respeito ao mascaramento como criação de si em um processo denominado *máscaras improváveis*.

Meu desejo de realizar uma pesquisa de mestrado nasce de uma experiência vivenciada em 2005, quando começo a trabalhar com a máscara teatral e passo a integrar o elenco do Barracão Teatro, que é um grupo de Campinas (interior de São Paulo) que investiga o teatro de máscaras, o teatro popular e o palhaço, e é coordenado pela diretora Tiche Vianna e pelo ator Esio Magalhães. Entro no grupo para a montagem do espetáculo *Freguesia da Fênix*, que faz uma transposição da Commedia dell'Arte italiana para a realidade urbana brasileira, um trabalho com meia-máscara expressiva, que mantém a referência dos personagens-tipo e a estrutura de espetáculo que chegou até nós pela tradição, em uma proposta de brincar e de atualizar essa importante manifestação do teatro ocidental.

Na mesma época eu estou concluindo minha graduação em jornalismo pela PUC-Campinas e vislumbro nesta dupla condição, de ator e repórter, a oportunidade de experimentar um exercício de imersão: ao mesmo tempo em que

eu trabalho na montagem como ator, registro cada etapa do processo de criação em um caderno para depois construir um relato descrevendo o processo criativo. Esse material é organizado no formato de um livro-reportagem (uma reportagem estendida) que é apresentado como meu trabalho de conclusão de curso: lá está a descrição dos treinamentos com o elenco, dos exercícios técnicos, da criação da dramaturgia, da confecção das máscaras, dos improvisos, ensaios etc.

No entanto, pela natureza do trabalho jornalístico que realizo naquele momento, não posso me aprofundar em muitos pontos que o meu lado *ator pesquisador* gostaria de investigar, e muito do material documentado fica de fora do registro final de *Freguesia da Fênix – Reinventando a Commedia dell’Arte* (título do livro, que teve impressão em formato físico de apenas 10 exemplares, alguns disponíveis na biblioteca da universidade). No entanto, o desejo de retornar a essas anotações fica evidente.

Aqui surge a semente para fazer uma pesquisa acadêmica em artes.

Nos anos seguintes, parto para outras experiências e mergulho cada vez mais no universo do teatro de máscaras como ator. Em 2010, também no Barracão Teatro, empreendemos uma investigação sobre a dramaturgia da máscara que expande os limites do nosso referencial da Commedia dell’Arte (que é o ponto de partida da montagem anterior) para que novas máscaras, ligadas ao nosso tempo, possam surgir e nos mostrar como fazer um espetáculo de máscaras no início do século XXI, no Brasil, no contexto do interior de São Paulo.

O espetáculo *Diário baldio* nos reúne em torno de duas meia-máscaras expressivas extraídas da observação de pessoas na cidade de Campinas: Lady (um ser andrógono) e Cotoco (um homem com deficiência motora e mental). De caráter tragicômico, a peça mergulha no universo da bufonaria, em especial na paródia, para mostrar a relação de dois seres que buscam, cada um à sua maneira, os elos de afeto que dariam sentido às suas existências. Aqui experimentamos uma nova

abordagem para o trabalho com a máscara, menos referenciado na tradição italiana e com um forte componente improvisacional.

Na sequência, em 2015, faço um primeiro trabalho solo, já fora do Barracão Teatro. *A Vedete* é um exercício de imersão e solitude, em que assumo a criação, a direção, a atuação, a confecção de máscara e a produção da peça. Me deparo com a necessidade de inventar procedimentos de mascaramento sozinho. Trata-se de um trabalho com uma máscara inteira expressiva, sem o uso da palavra falada, focado na corporeidade e na imagem, em que eu investigo a máscara como figura, como aparição, numa relação com a duração, com o tempo, com uma qualidade meditativa e eminentemente contemplativa, em que o espectador deve percorrer a obra com seu olhar e sensações, mais do que pela via do entendimento ou da representação. O espetáculo tem como tema a memória que vai se apagando em um corpo que envelhece.



A Vedete, montagem de 2015. (Crédito: Bruno Bernardi)

Alguns anos depois, em 2020, quando estoura a pandemia de COVID-19, começo a fazer uma investigação sobre a ideia do mascaramento que vai além do objeto-máscara enquanto representação de um tipo ou personagem. E aqui surge então uma quarta abordagem para observar a atuação mascareira, que é o mascaramento como criação de si, que eu venho chamando de *máscaras improváveis*. Este trabalho consiste em compor figuras, mascaramentos, utilizando materiais e objetos disponíveis no ambiente doméstico e performar nos espaços da casa, dando novos sentidos e significados ao espaço cotidiano e a si mesmo.

Em cada um dos processos criativos acimacitados surgem propostas e perspectivas diferentes sobre como performar/atuar com a máscara. Com base em meus diários de trabalho, onde está a descrição de procedimentos (em formato de anotações, depoimentos, desenhos e citações), passo então a me debruçar sobre o caminho percorrido. Creio que esse compêndio de ator, a análise e as reflexões que podem surgir a partir dele, configura um saber de experiência que, para além do relato pessoal, pode criar diálogo com outras práticas com a máscara na cena teatral contemporânea.

Nesse caminho, adoto a auto-etnografia como metodologia de pesquisa pois, segundo Fortin (2009, p.83), “a auto-etnografia se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si”. Busco um relato que parta do eu e vá ao encontro dos outros.

A pesquisa tem como objetivo: investigar práticas de atuação com a máscara teatral a partir da descrição e análise dos procedimentos adotados em cada um dos processos criativos realizados entre 2005 e 2020. E será estruturada a partir de algumas questões iniciais: como foi o aprendizado e a criação do ator em cada um desses processos? Quais os procedimentos técnicos adotados pela/para a atuação (pré-existentes ou inventados) de acordo com a proposta de

mascaramento e contexto de cada montagem? Como foi a construção da corporeidade que deu suporte para cada tipo de máscara (considerando corpo-máscara uma composição que envolve o objeto estético e o corpo, a voz, os gestos, as ações, assim como a relação da figura com os diversos elementos da cena – dramaturgia, iluminação, cenário, figurino, adereços, música)? Quais referências práticas e teóricas podem dialogar com essas experiências e contribuir, problematizar, levantar e/ou elucidar questões relacionadas à investigação?

A investigação com as *máscaras improváveis*

Passo agora a descrever minha experiência artística mais recente com a máscara teatral que, mesmo ainda em processo, será incluída para análise como procedimento de atuação mascareira na pesquisa de mestrado. O trabalho com as *máscaras improváveis* surge com a emergência da pandemia da COVID-19 no Brasil (em março de 2020), a necessidade do isolamento social e o uso obrigatório de máscaras de proteção por toda a população.

Em meu trabalho artístico, entendo a máscara como um dispositivo que permite operar uma passagem, na mesma direção que nos indica Felisberto Sabino:

Não se busca apenas esconder ou revelar um corpo, porém ativá-lo, redimensioná-lo, colocá-lo em questão frente às injunções a que somos submetidos na contemporaneidade. Às vezes, não se trata da arte concebida como proposta estética, mas da própria arte-vida que é levada a um grau de estranheza e estranhamento do corpo, à procura de estados corporais, intensidades que chacoalham a existência seja ela qual for”. (DA COSTA, 2015, p. 16-17)

Nesse sentido, extrapolando a esfera artística, a percepção que tenho no início da pandemia é: no momento em que toda a população mundial é obrigada a

vestir máscaras de proteção, imediatamente surgem procedimentos de customização das mesmas, que podemos caracterizar como atos de mascaramento, de modelagem de si, o que vem ao encontro de David Le Breton (2019, p.157): “O rosto nunca é uma natureza, mas uma composição. Ele é matéria para um trabalho sobre si e, ao mesmo tempo, para uma sutil influência social e cultural”. Cito alguns exemplos observados pelas ruas, na televisão e na internet, apenas para ilustrar a ideia: máscaras que desenhavam emoções (alegria, tristeza, raiva), máscaras com feições de personagens do universo dos desenhos animados ou de personalidades e celebridades, máscaras que realçam as linhas do rosto, máscaras que compõem combinações com a roupa utilizada etc.

Ao perceber esses procedimentos de customização das máscaras de proteção mundo afora, proponho então radicalizar a ideia e, aliando a possibilidade de compor o próprio rosto (o que, em si, já gera infinitas possibilidades performativas), volto a atenção para o universo doméstico – já que na época ainda não há vacina disponível e o isolamento social faz-se necessário. Desse modo, começo minhas experimentações em compor mascaramentos com objetos e materiais disponíveis em minha casa (travesseiros, quadros, vasos de plantas, livros, tecidos). Como se objeto (máscara) e ambiente (casa/materialidades) se fundissem na criação de novas auto representações, às quais eu dou o nome de *máscaras improváveis*.

O termo improvável surge aqui como tentativa de dar nome ao inesperado, ao inacreditável, a um tipo de mascaramento inusitado que ultrapassa o poder da imaginação.

Segundo Agamben (2009, p. 59), “a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo”. Creio que minha incursão dialoga com o pensamento do autor ao relacionar-se com a emergência do uso

generalizado (e necessário) da máscara, mas ultrapassando sua função utilitária ao propor novas formas de relação com o artifício, localizando a prática em um lugar de penetração nas fissuras (ou nas trevas) do contexto atual para gerar novas percepções do real.



Máscaras improváveis: primeiros experimentos. (Crédito: Gabriela Cerqueira)

Nesse caminho, para além de atividade lúdica de composição, proponho investigar (a partir da experiência acumulada nos anos anteriores no teatro de máscaras) procedimentos de criação cênica com essas novas figuras que aparecem. Daí surge a proposta de experimentar essas possibilidades por meio de oficinas de teatro virtual ministradas para artistas da cena. Até o momento foram realizadas duas edições remotas da Oficina de máscaras improváveis: pela programação do Festival Diversidade de Ser, em Vitória - ES (em agosto de 2021), e como parte das atividades da Oficina Cultural Oswald de Andrade, em São Paulo - SP (novembro de 2021).

O programa de atividades tem como principais objetivos: despertar o interesse para as inúmeras possibilidades de utilização da máscara e do mascaramento como recurso expressivo; ampliar as possibilidades de expressão através do corpo; desenvolver capacidades criativas por meio de jogos e brincadeiras; investigar práticas de mascaramento através da confecção de máscaras artesanais e seu agenciamento no corpo da/o/e performer (corpo-máscara); exercitar códigos de utilização da máscara teatral que auxiliem na composição cênica (*foco, triangulação, pontuação, movimento, ação, estados*); e vivenciar noções de processo criativo e construção de roteiro;

Adoto um caminho que considera como máscara qualquer forma de prótese, textura, material, elemento ou objeto que, em acoplamento ou relação direta com o corpo, revele novas figuras, manifestações e qualidades de expressão. Cabe dizer que aqui há, de certa forma, o abandono da máscara enquanto objeto estético confeccionado dentro dos cânones teatrais (considerando técnicas, estilos e materiais), abrindo espaço para novas configurações do objeto máscara como artesanania ou bricolagem espontânea e caseira.

Trago a noção de *figura* em contraposição à noção de *personagem-tipo* comumente associada ao uso da máscara nas artes cênicas, sobretudo na tradição herdada pela Commedia dell'Arte, em que imediatamente identificamos um tipo social, um caráter ou um personagem com suas características mundanas. “No regime figural, a escritura cênica se engaja em um processo de figuração que não é representativo (ilustrativo ou narrativo), mas performativo” (MACHADO, 2018, p. 123). Assim, “não estaríamos mais convocando o espectador a significar um caráter construído, mas a se posicionar diante dos aspectos sensíveis de uma criação: suas linhas, cores, volumes e, inclusive, a potência energética do seu acontecimento cênico” (MACHADO, 2018, p. 121).

Proponho a inserção dessas figuras em ambientes domésticos (os cômodos da casa, o quintal, o jardim) na intenção de criar uma relação em que esses corpos-

máscara possam desestabilizar e dar novos significados também aos espaços. Nas oficinas, pesquisamos essas aparições de figuras excêntricas em diversos formatos: cenas, passagens, paisagens coreográficas, sequências de movimentos e ações ensaiadas ou improvisadas, e dialogamos com linguagens como a dança, as artes plásticas, a fotografia e o cinema, na busca de expressões múltiplas que explorem infinitas possibilidades de atuação no formato digital.

No estágio atual da pesquisa tenho reunido os registros das atividades (anotações em diário de trabalho, vídeos, fotos, depoimentos) para, futuramente, instaurar estudos que permitam a descrição de casos, identificação de especificidades na atuação com as máscaras improváveis e sua relação com os demais tipos de mascaramento abordados na trajetória, assim como seu diálogo com a cena contemporânea.

Assim, este ensaio acaba sem acabar. É uma parte do caminho, da trama que possivelmente me leva a descobertas improváveis. Que assim seja!

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Tradução: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

DA COSTA, Felisberto Sabino. Arquiteturas do corpo: máscaras e mascaramentos contemporâneos. Revista Rascunhos – Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, [S.l.], v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/indez.php/rascunhos/article/view/32424>. Acesso em: 28 out. 2022.

FORTIN; TRAD. HELENA MELLO, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Cena, [S. l.], n. 7, p. 77, 2010. DOI: 10.22456/2236-3254.11961. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>. Acesso em: 1 nov. 2022.

LE BRETON, David. Rostos: ensaio de antropologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MACHADO, Vinicius Torres. A máscara no teatro moderno. São Paulo, SP: Editora Unesp. 2018.